

Cult  
uras

ALFREDO MATOS

JOSÉ FRADE

# Pensar o jazz

É a 15ª edição da Festa do Jazz no São Luiz, que em três dias condensa passado, presente e futuro de uma música e de uma comunidade que nunca estiveram tão vitais em Portugal

TEXTO LUCIANA LEIDERFARB

Q

uinze edições não são dois dias. Nem dois anos. É um século de experiências e de perseverança. E é a unidade de medida da Festa do Jazz, que desde 2002 vem transformando uma ideia de comunidade “num acontecimento real e palpável”, onde se defende uma forma de estar na música. As palavras têm pertença: di-las Carlos Martins, diretor artístico do evento com sede no Teatro Municipal São Luiz, em Lisboa, que começa esta sexta-feira e continua nos dias 8 e 9 de abril. E têm também um pressuposto: o de que a ideia fundadora do jazz — o improviso — pode alastrar a toda a sociedade.

“Sempre achámos que seria interessante pensar nos paradoxos da improvisação como matéria para pensar a forma como funcionamos. Improvisar foi sempre tido, nos

países ocidentais, como algo de negativo, sem estrutura, sem consistência. Mas a improvisação também tem que ver com o risco, com ouvir a linguagem do outro e com querer ajudá-lo a soar melhor”, sublinha Carlos Martins. É esta a razão por que, nesta edição, a noção de ‘escola’ é tão valorizada, percorrendo o programa de lés a lés. Porque espelha uma vitalidade para a qual a Festa do Jazz sabe ter contribuído. Assim, não é por acaso que, logo na abertura, sexta-feira às 21h30, há um *showcase* de Escolas Superiores, com músicos das Universidades de Évora e Lusíada de Lisboa, e das Escolas Superiores de Música de Lisboa e do Porto. Ou, de seguida, às 24h, uma apresentação da novíssima Big Band Escolas Superiores, sob direção de Luís Cunha e coordenação de Michael Lauren.

Pelo meio da Festa, encontraremos igualmente os Conservatórios e escolas especializadas a partilhar, em concurso, o Jardim de Inverno do São Luiz (dia 8, 14h30-18h25). Dezenas de alunos vindos de Lisboa, Madeira, Guimarães, Barreiro, Porto, Braga, Cascais, Coimbra, Aveiro, Montemor-o-Novo ou Albergaria-a-Velha. “Este é um espaço importantíssimo porque fomenta toda uma troca de experiências e impressões que é muito rara entre jovens músicos de jazz”, opina Paulo Barbosa, diretor pedagógico do Conservatório do Funchal, a quem coube organizar o certame. Basta atender, segundo diz, ao testemunho dos grandes para saber o que aqui está em causa: “Um dia, perguntaram a Wayne Shorter o que era o jazz. Ele parou, pensou e respondeu: ‘Para mim, o jazz é: eu desafio-te’. Ora o desafio é a verdadeira essência do jazz.” O acordeonista João Barradas sabe que assim é. E sabe-o por ter ganho, no ano passado, o Prémio Jovens Músicos na categoria de jazz combo (liderando o grupo HOME — toca dia 8, às 15h30) e por agora ter sido o vencedor — aqui anunciado em primeira mão — do Prémio da RTP/Festa do Jazz (dia 8, 21h30). Aos 25 anos, Barradas qualifica o que faz como “uma luta constante” que tem tido, porém, oportunidades diferentes daquelas que existiam há 15 anos. “A minha geração, e mesmo as

15ª FESTA DO JAZZ

Teatro Municipal São Luiz, Lisboa, de 7 a 9  
www.teatroaoluiz.pt



João Barradas é o vencedor do Prémio RTP/Festa do Jazz. Ao lado, uma imagem da Festa de 2016

mais jovens, é privilegiada. Tivemos um acesso mais facilitado ao ensino da música e tivemos como professores aqueles que abriram caminho do nada”, comenta ao Expresso. Por outro lado, João sente que as portas do mundo estão abertas à música feita em Portugal: “Temos tocado na Polónia, na Itália, na Sérvia. E no próximo mês vou estar duas vezes na Alemanha. Hoje a periferia é cada vez menos relevante.”

Por isso mesmo, por ser uma disciplina em franca expansão, não se percebe que falte ao jazz uma estratégia de afirmação. E que não reivindique o lugar que lhe pertence nas salas do país. “A comunidade do jazz está numa luta pela sobrevivência de tal ordem que não tem conseguido organizar-se. Mas talvez tenha chegado o momento de isso mudar e a Festa do Jazz pode ser o primeiro passo para a criação de uma rede neste sentido”, diz Carlos Martins. Desde 2002 que o próprio evento que dirige sobrevive com 50 mil euros de financiamento por parte da Câmara Municipal de Lisboa, o que é “ridículo”. “É um

orçamento menos que remediado, com o qual se conseguiu fazer milagres”, nota. Um deles é ter-se transformado num ponto de encontro, de observação e de reflexão entre músicos e um público cada vez mais cultivado.

Um lugar onde confluem, este ano, as “Lifestories” originais de Joana Machado (dia 8, 18h30), o “Worst Summer Ever” do quinteto de Bruno Pernadas (dia 8, 21h45), a estreia do “Transporte Colectivo” de José Salgueiro (dia 8, 23h), o “05:21” do Pedro Neves Trio (dia 9, 15h30) ou o “Those Who Stay” do quinteto de Cícero Lee (dia 9, 17h), os projetos “Songs With and Without Words” de Luís Barrigas (dia 9, 18h30) e “Dentro da Janela” de João Mortágua (dia 9, 21h30), o Clocks and Clouds (dia 8, 17h), o Michael Lauren All Stars (dia 9, 23h), a Lisbon Freedom Unit (dia 9, 19h30), e ainda o vencedor da 2ª edição do Prémio de Composição Bernardo Sassetti, Pedro Melo Alves, com as peças “Ubi”, “Phelia” e “Onirea” (dia 8, 19h30).

Presente na Festa com o seu Omniae Ensemble, Pedro Melo Alves fala da importância deste prémio no contexto do jazz: “É um grande estímulo numa área em que a ênfase é dada mais na improvisação do que na composição, e um convite para que o jazz se revitalize e ultrapasse as suas próprias barreiras.” A sua música tenta explorar a tensão entre os dois aspetos, o preexistente e o espontâneo, na senda do legado de Bernardo Sassetti. “Ele era um músico da cena do jazz que usava muito a composição e que foi capaz de utilizar outras linguagens estilísticas, como a erudita, nas suas obras”, reconhece o também baterista. Nada como a memória para avançar mais um passo. No caso da Festa do Jazz, mais uma edição. ●

lleiderfarb@expresso.impresa.pt



LUÍSA FERREIRA

O saxofonista Carlos Martins é, desde 2002, o diretor artístico da Festa do Jazz